

FOTOS TYLER HICKS/THE NEW YORK TIMES



☺ pequenas que entravam e saíam formavam uma orquestra confusa e em staccato.

Trinta minutos depois, a luta diminuiu e os soldados acenderam cigarros. Eles estariam sozinhos nesse posto avançado, com a infantaria russa a apenas um campo de futebol de distância.

Em muitos aspectos, a posição dava uma sensação de tempo que não passa. Uma rede de abrigos e bunkers cobertos de troncos era interligada por um labirinto rudimentar de trincheiras cavadas à mão, algumas amarradas com redes de camuflagem. À frente não havia nada além de soldados russos.

A neve, a chuva, o vento e a guerra desmoronam as trincheiras e os bunkers que ajudam a manter os soldados vivos nesta guerra. Nos intervalos entre os combates, os soldados constantemente as fortificam, consertam e aprofundam.

GUERRA MODERNA. Mas, apesar de toda a semelhança com a guerra de trincheiras da Europa há um século, muita coisa mudou. Um soldado não ergueu uma Mauser em seu ombro, mas uma arma antidrone que apontou para o céu. Ela era silenciosa, direcionando um sinal invisível com o objetivo de desativar os drones inimigos e fazê-los cair no chão.

Esse tipo de arma tem se tornado cada vez mais comum em um campo de batalha para que é quase impossível para



O fotógrafo do 'New York Times' Tyler Hicks registrou soldados da 2ª Legião Internacional, batalhão formado por combatentes estrangeiros, de várias partes do mundo, entinchados na floresta de Serebrianka, no leste da Ucrânia, próximo da artilharia russa



qualquer um dos lados se mover sem ser detectado, com operadores de drones incessantemente inspecionando e direcionando bombardeios de um laptop a até 10 quilômetros de distância.

PAUSA. Há muitos motivos pelos quais um estrangeiro pode se alistar para lutar em uma guerra que não tem nada a ver com ele. Um deles, claro, é o dinheiro. Os contratos por tempo indeterminado na Ucrânia pagam, em média, cerca de US\$ 2,5 mil por mês (cerca de R\$ 13 mil), uma quantia tentadora para alguns dos homens que vieram de países com poucas oportunidades econômicas boas para eles.

Mas alguns combatentes no posto na floresta da 2ª Legião Internacional, que foi criada sob a direção do presidente ucraniano nos dias após a invasão da Rússia, em fevereiro de 2022, disseram que estavam procurando algo mais.

Guerras na Europa
Apesar da semelhança com a guerra de trincheiras, há um século, muita coisa mudou no atual conflito

Um soldado, um polonês que atende pelo codinome Konrad 13, descreveu a guerra como um chamado, uma bênção. Ele diz que teve uma educação problemática em seu país. Então, aos 41 anos, ele se sentiu em um beco sem saída.

Sim, o salário é atraente, disse Konrad, mas também o era sentir um senso de propósito. “Quando vim para cá, minha vida mudou”, disse. “Comecei a crescer aqui. Tem sido uma evolução, e senti que minha vida voltou para mim. Mudei e me tornei um tipo diferente de pessoa. Esta é minha verdadeira família agora.”

Ao longo de seu rodízio – o Exército ucraniano proíbe que se diga quanto tempo dura e quantos combatentes há na unidade –, os homens se envolveram em vários confrontos com os russos do outro lado do caminho.

Durante o dia, os combates começavam a cada três ou quatro horas, geralmente com duração de uma hora. À noite, vinham as bombas. No fim do rodízio, com um novo grupo de soldados chegando para substituí-los, os soldados prepararam suas mochilas para a viagem. Mas eles tiveram de esperar: um drone russo havia aparecido no alto da borda da última trincheira.

Passou-se mais de uma hora até que Tsygan liberasse seus homens para se aventurarem no espaço aberto que os separava das trincheiras e para um momento de paz. Antes que chegasse a hora de voltar à luta. ●